



Eduardo Sued. Sem título, óleo, acrílica, esmalte sintético e metálica s/ tela e madeira, 195 x 175 cm, 2001

Eduardo Sued – A experiência da pintura

Jonathan Gomes Henrique*

Uma experiência que não permite dobras, que não se insinua, não discorre e, portanto, não culmina. Uma quina: um susto. Um ponto final bem no seu começo nos tropeça quase para fora dela mesma. Aguardar o trabalho de Eduardo Sued e, logo ao pisar sua presença, tomar um “toma!”. O pé atrás: “Já vi tudo! Um estudo cromático por justaposição em blocos à moda construtivista que se renova em cada obra particular! Bem; vou-me embora...”.

Mas o pé atrás dá ainda dois passos em direção à obra, desdenhoso de encará-la, e o óbvio se vê flechado pela quina: as cores ainda estão ativas! Murmuram à revelia de seu enquadramento, de seu bloco, sua Cor maior. Assim, o Azul é de verdes e rosas e azuis rebeldes. Uma cor que é conspiração de cores. Uma fatoração, cálculo exposto em vez de um produto conclusivo de suas operações. Agora sim: “Uma crítica às apreensões genéricas, molares, em sua indiferença às singularidades individuantes, moleculares. Apolo versus Dionísio...” Legítimo não é, mas é assim que começo a “fotografar” as obras de Sued. No entanto, é esse enquadramento que quer, agora, se renovar obra após obra, como se o baile das pinturas fosse pose após pose: não dançasse, não vivesse... Ora, mas como persistir nesse caminho se suas cores, seus brilhos e matizes não param; não dizem “giiizz”?

Eduardo Sued não produz produtos, como quer o óbvio. Produz Golens; criaturas. Não se domam pelas poses e suas remontagens. Estranhos víveres. Mas também não insinuam qualquer performativo, discorrimto, tal é também a inoperância de toda a noção de desenvolvimento, de movimento e de transformação. Nos impedem, assim, a facilidade de dizer azul e preto e verde e areia e prata arranjados em forma de L ou T ou H ou F etc. Oferecem o procedimento molar em ato, conjugando todos os elementos... Mas é notado que todo construtivismo parece acompanhar-se de um esgotamento iminente, aguardando o momento em que os arranjos e combinações percebam sua insistência ou não sejam mais sequer possíveis... Só que não é dessa maneira que Sued comenta a estrutura. Não como uma direção fadada aos limites de sua própria lógica, que cada vez mais se desenraizaria das possibilidades concretas de toda pertinência possível, executando um percurso interno em vias de tornar-se um fantasma...

Ao contrário, Eduardo Sued faz da estrutura uma habitante concreta do mundo que a preenche, a constitui, a movimenta, mas que também

* Jonathan Gomes Henrique é aluno do Curso de graduação em Educação Artística com habilitação em História da Arte, do Instituto de Artes da UERJ, instituição onde também é integrante bolsista do grupo de dança Kinesis. Esta resenha crítica foi desenvolvida no âmbito do Laboratório de Crítica do NUCLEAR - Núcleo de Livres Estudos de Arte e Cultura Contemporânea.

a excede, a rasga e a constrange em sua passada. Suas obras devolvem a estrutura ao meio, não sobre ele. Assim, ela passa a se constituir como um plano de fato, conspirada pelas forças que se pensava estarem dominadas, e dominadas por ela! As faixas divisoras são concretas, possuem extensão e são tão atravessadas pelas pinceladas intempestivas quanto as zonas de cor abertas entre, "dentro". Nenhuma oposição. Nem Apolo *versus* Dionísio, pois as formações e organizações estruturais não cessam e, portanto, não competem com a plasticidade inquieta e viril que as acompanha. Nenhuma concessão, pois.

O movimento é estritamente plástico: não é subentendido entre uma forma que teria advindo de outra forma, como num mecanismo cinemático, nem de uma forma, a mesma, reposicionada no quadro geral das efetuações, como numa narrativa. Nenhum desenvolvimento. O "movimento" em Sued, como diferenciador do mesmo, faz o improvisado atravessar todo o hábito: azul reazulando em vermelhos e verdes, sem cessar, mas também sem corrigir, sem atualizar um azul em outro. É o mesmo, todo esse azul! O esmaltado e o metálico, aliás, revigoram esta vocação de Sued: fazer com que o mais obscuro fale. Pintar uma intimidade. Tudo sobe à superfície! Tudo é coisa de ver. O inconsciente, o fundo, as pulsões. Dionísio não está atrás nem se revela entre as brechas, mas por toda a superfície, mesmo estriada. Imanência. Nenhum transcendental.

Mergulhar no mar agitado das pinturas de Eduardo Sued não termina! Ele se remexe, e suas quinas nos rebatem sobre outras. Por exemplo, mal caímos sobre a questão da elasticidade dos traçados e somos atirados ao problema das interrupções incisivas sobre a continuidade desses mesmos traçados. Ora, daqui nos vemos legados a lidar com a lisura *versus* crispagem que, em Eduardo Sued, não encerra somente uma pesquisa da textura, mas também de recolhimento, de captação da luz ambiente. De onde outra quina se abre: a iluminação atualiza a importância que o fosco e o brilhante possuem enquanto valor cromático nas obras expostas, nos catapultando ainda à intensidade da cor retrabalhada durante a exposição, de onde só nos resta sermos devolvidos à nossa posição diante das obras, pois basta um passo para o lado, e elas ressurgem: esquina.

É preciso ressaltar esse ponto mágico em Sued: uma questão não ganha autonomia se eximido em resguardo, se excluindo das demais; no entanto, absorvendo o conjunto dessas outras questões, também não se desfaz, mas amplia-se num procedimento propriamente bio-lógico.

Se é um preto, não é só preto, mas repleto: preto de empretecentes azuis e roxos, mas também de pretos foscos ou intensos ou esmaltados

ou saturados etc. Nenhum assentamento. Ficoheteamos ao desamparo das obras até o momento em que participamos, da maneira mais inadvertida, de seu modo elegante de conspirar uma fruição. Assim: um pra lá, dois pra cá, e escolhemos de onde visar as pinturas tal como se escolhêssemos a melhor vista de uma paisagem aberta aos olhos ou nossa poltrona numa sala de cinema. O que sabemos do filme é o óbvio de suas divisões maiores, a sinopse de suas justaposições e encadeamentos. O filme: essa experiência de corrosão, mas também de constituição não apenas das divisões, mas, ainda, de todo um meio vivo. Lactobacilante. Aliás, se há divisões, estas são concretas, precisam existir e precisam, portanto, de forças produtoras. Pois, nas pinturas de Eduardo Sued, esses gestuais cicatrizados seguem indiferentes ao que se passa no nível do plano segmentado em que se efetuam. Nenhum constrangimento. Nenhuma comunicação.

Se processo e forma não se opõem em suas obras não é por estarem ligados de maneira a se retroalimentar: de um lado o processo, cego às formas que inevitavelmente gera no seu decorrer; do outro lado as formas, cegas à sua gênese impassível, processual. Não. Nenhum ligamento entre forma e processo. Obras inteiramente segmentadas, formalizadas; obras inteiramente ativas, em processo: as mesmas obras.

Os emplastamentos não resultam em apreensões estanques, formalizadas (onde formar não pode ser o mesmo que coagular), mas agem, antes, como princípio de resistência ou insistência, como grau ou modificador cromático. Feito uma voz num murmúrio: três notas, uma tragédia, uma maravilha, um som, um só som, indivisível! E não voltará a três, pois nunca foi três. É tal a sua unidade. Em quantas vozes podemos dividir um murmúrio? Não podemos, mesmo que sejam “exatamente” três ou treze ou trinta vozes num conjunto coral. Assim: a voz e o murmúrio, a voz e o canto, a voz e a fala... Um processo é tornado processo de formalização enquanto se tem em vista a forma a se alcançar, mas enquanto processo, positividade produtora, não visa a forma *a priori* nem se vê realizado *a posteriori*... Daí sua impassividade. Daí a indiferença dos cortes efusivos de pinceladas, rodos e espátulas ocupando toda a superfície das obras. Daí a forma se passar noutro plano, segmentar. Pôr em convívio aberto toda essa heterogeneidade de questões faz de cada trabalho de Sued um meio de muitos planos contraídos. Uma aglutinação que desafia os blocos justapostos, não permitindo intervalos, mas habitando-os indiferentemente. A obra continua onde a faixa de cor diz “pare!”. E onde a faixa diz “fique!” a obra oscila: junto ao preto esmaltado encosta uma cor delirada, demorando-nos na dúvida “Isso é um preto bem fosco ou um roxo com pouca saturação; ou um azul desbotado; ou um cinza fomentado?!”

Não há como! Em Sued, pensar cheira a tinta. Intriga que suas obras sejam tão sensíveis ao meio em que se expõem; que sejam tão expostas. Intriga que, por vezes insinuem janelas e ao mesmo tempo sejam tão irredutíveis e incontornáveis, que em vez de molduras nos entreguem ângulos: isso que é um fechamento e uma abertura a um só tempo. Uma quina: um ponto de vista! Intrigam a realidade e a concretude a que levam o plano e a linha, mas também os eixos: tão expostos, ex-sistentes, que passam a ter direções (inconcebível numa tradução bidimensionada; abstrata). O eixo x e o eixo y não coincidem nelas. O eixo y sai da planalidade mais ampla, apontando para uma diagonal. Já seria o eixo z? É idiota a questão... Impraticável até, pois esse plano em diagonal ora simula uma perspectiva, ora sugere uma inclinação indeterminável... Enfim, são obras de tela, óleo, esmalte e presença. Muita presença! Só bastassem suas dimensões enormecidas, mas nem. São ainda obras sensíveis, "irritáveis", estranhos víveres...

Porém, se nada lhe vier diante das pinturas de Eduardo Sued, existe um "ultimato" recomendável. Um alucinógeno natural da melhor qualidade: escolha o quadro mais escuro, de pretos e empretecentes diversos, e pare na faixa do "não me toque" bem rente à obra; gire a cabeça, recuando-a 90 graus para cima: É um colírio; portanto, abra bem os olhos! Aguarde alguns segundos até que as lâmpadas, colocadas sobre a pintura saturem sua visão. Daí é só baixar a cabeça e ver o "vertiginoso" tilintar inquietante de matizes corando a obra. Advirto: quem se dispuser a tal experiência não será capaz de perceber quando seu efeito miraculoso cessa, nem até que ponto a "situação" cromática percebida é derivada desse efeito alucinógeno ou da natureza ainda mais potente das obras de Sued!

Tropear em tintas, depois de passado tantas questões da pintura, é um tropeço duplo. Revigorante.